

Barulhos cariocas

Ruídos que dificultam a vida na metrópole

ARIANE BOMGOSTO, ISABEL SIQUEIRA E LAILA BENCHIMOL



vida na cidade do Rio de Janeiro pode custar caro aos nossos tímpanos. Buzinas, sirenes, bate-estacas, sinaleiras, celulares, briga de vizinhos – tudo isso faz parte do imenso conjunto de ruídos que muitas vezes torna o dia a dia do carioca um verdadeiro caos. Por isso, a consciência de que se deve ao menos evitar o barulho em nossos lares – último reduto de tranquilidade das grandes metrópoles – deveria ser o primeiro passo para que os problemas causados pela poluição sonora fossem minimizados.

A Lei do Silêncio

Em maio de 2004 foi sancionada a Lei nº 4.324, a Nova Lei do Silêncio, de autoria do deputado Carlos Minc (PT-RJ), para tentar diminuir o barulho do Rio de Janeiro. A lei exige, por exemplo, que as sinaleiras de garagem sejam desligadas entre 22h e 6h (podendo manter apenas o alerta luminoso), mas a maioria dos prédios ainda mantém o som ligado. As sinaleiras não irritam apenas moradores e pedestres, mas também os porteiros dos edifícios, que são os mais afetados pelos apitos.

O porteiro Antônio Aristides da Cunha, apelidado de Pelé pelos moradores, exerce a função há cinco anos num prédio de Copacabana e não sabia da existência da lei. “Além das buzinas de carro e dos cachorros aqui da rua, tem



As sinaleiras de garagem perturbam ao invés de alertar

o barulho desses apitos de garagem. Eu não sabia que tinha lei contra isso, acho que os síndicos deveriam prestar mais atenção. Pra gente que fica o dia todo aqui, é muito ruim", diz.

Ricardo Muzafir, professor do laboratório de acústica e vibrações do programa de engenharia mecânica da COPPE, que já elaborou propostas de mapeamento acústico de bairros em parceria com a Comissão de Meio Ambiente da ALERJ, é o primeiro a levantar a bandeira pelo fim das sinaleiras.

"De todos os tipos de poluição, a sonora é a que tem mais influência da ação individual, já que uma única pessoa pode impedir um quarteirão inteiro de dormir. A grande maioria de campainhas de garagem que existem no Rio toca cada vez que a porta é aberta. Faz sentido o toque da campainha quando o carro sai, pois serve de alerta a cegos e para os pedestres mais distraídos, mas em qualquer outra situação é um absurdo", afirma.

Proliferação de celulares aumenta poluição sonora

Uma das causas da poluição sonora no Rio de Janeiro – e na maioria das grandes cidades do mundo – se disfarça sob a forma de uma tecnologia que se tornou essencial: o telefone celular. Difícil é sair um dia na rua e não passar por alguém falando no celular – e o que é pior: na maioria das vezes, aos berros.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2001 e 2005 o número de moradias brasileiras com linha fixa convencional diminuiu de 48,9% para 48,1%, enquanto o das que tinham linha móvel celular subiu de 47,8% para 59,3%. Assim, em 2005, o número de residências com linha fixa convencional foi ultrapassado pelo das que



"De todos os tipos de poluição, a sonora é a que tem mais influência da ação individual, já que uma única pessoa pode impedir um quarteirão inteiro de dormir"

Ricardo Muzafir



Automóveis são também responsáveis pelo barulho urbano

tinham linha móvel celular. Claro que esses são números referentes a todo o país, mas refletem bem a realidade do Rio, segunda maior cidade do Brasil.

O problema é que, quando andamos na rua ou estamos em qualquer outro espaço público, esse grande número de celulares contribui ainda mais para todo o barulho que ouvimos. Assim, quando se está em um restaurante, em uma loja, no ônibus ou na faculdade, é difícil não se sentir

incomodado com tantas conversas alheias.

A estudante Carla Moulin trabalha em uma loja de um grande shopping da Zona Norte da cidade e diz que, muitas vezes, o barulho de tantas conversas simultâneas chega a atrapalhar o atendimento ao cliente. "Os clientes já entram na loja falando no celular, e todos ao mesmo tempo, além do barulho que vem do resto do shopping. Assim, nós, vendedoras, também temos que falar mais alto para

sermos ouvidas. Fica o caos", reclama a estudante.

No entanto, dificilmente uma só pessoa conseguirá ultrapassar o nível máximo de ruído permitido com seu celular, o que torna impossível respaldar-se na lei para evitar esse problema. Podemos contar apenas com a educação e o bom senso de cada um.

Ruídos que prejudicam a saúde

A exposição contínua a níveis de ruído superiores a 50 decibéis pode causar deficiência auditiva. A partir de 55 dB o barulho já provoca estresse e desconforto. Já a perda da audição ocorre na faixa de exposição entre 3000 e 6000 Hz.

O otorrinolaringologista Pedro Hugo Castro Borges de Carvalho diz que seus pacientes, de uma forma geral, freqüentam shows e outros lugares fechados onde o nível de ruído é extremamente alto e, em alguns casos, ocorre lesão auditiva, o chamado trauma sonoro. "No exame de audiometria percebo que a lesão acontece com as freqüências mais agudas. Muitas vezes com medicação nós conseguimos reverter esses quadros de lesão auditiva, mas em outros nem tanto. Outro grande risco que existe para aqueles que vivem em cidades grandes é a exposição diária ao ruído do metrô, das vias públicas, de obras e de buzinas de carro", diz o médico.

Segundo Pedro, uma vez exposta ao trauma acústico, a pessoa fica mais sujeita a um novo trauma ou lesão mesmo já tendo se recuperado do problema. "O trauma sonoro por explosão, bomba ou apito provoca uma lesão no ouvido da mesma forma que qualquer exposição por tempo muito prolongado. Vale notar que o ruído é um dos fatores que mais perturbam o ritmo do sono", explica.

Barulho de vizinhos causa brigas entre moradores

Um dos principais problemas de quem mora em prédios é conviver com o barulho produzido pelos vizinhos. Waldir Miranda, advogado especialista em ruídos em edificações, chama atenção para o fato da poluição sonora não ser apenas um problema de desconforto acústico, mas, acima de determinado nível, um causador de distúrbios neurológicos e cardíacos. De acordo com estatística do Código Civil do Consumidor (CDC), nos últimos 10 anos, o número de queixas e reclamações aumentou em cerca de 40% devido a problemas provocados pelo excesso de barulho na vizinhança. Para Miranda, este fenômeno se explica em grande parte pela economia das construtoras, que não se preocupam em incluir uma acústica de qualidade no projeto dos edifícios. Carlos Alberto de Azevedo Antunes, diretor da Márcio Curi e Azevedo Antunes Arquitetura, afirma que o problema não está nos projetos. "Por causa do alto custo, inicialmente os projetos de tratamento acústico eram colocados em prática apenas nos empreendimentos de alto padrão. Hoje a situação está mudando, e a preocupação com a acústica já pode ser observada em imóveis construídos para a classe média", diz.

Para o arquiteto, esse cuidado está previsto em 100% dos projetos, mas poucos chegam ao final com o tratamento acústico instalado: "Isso acontece devido ao alto custo da implantação do projeto acústico, que requer profissionais especializados e materiais com alta qualidade".

O fator barulho é um grande gerador de conflitos entre vizinhos. Pela Lei do Condomínio (4.591/64), em seu artigo 19, "cada condômino tem o direito de

- Você tem que seguir meu tratamento. Assim você voltará a ser uma pessoa normal, como todas as outras...



Um pouco de história

O assunto poluição sonora é bem mais antigo do que pensamos. O imperador romano César (101-44 a.C.) determinou que nenhuma espécie de veículo de rodas poderia permanecer dentro dos limites da cidade do amanhecer à hora do crepúsculo. Os que tivessem entrado durante a noite deveriam ficar parados e vazios à espera da referida hora.

(César - *Senatus Consultum - O Automóvel*, de Halley). Martial (40-104, d.C.), poeta irônico que glosou os costumes da sociedade de Roma (Martial - *El ruido*. Documenta Geygi, 1967 - Rio) reclamava dos ruídos da cidade, durante a noite, enumerando e dizendo "que não podia dormir, porque tinha Roma aos pés da cama". Nas andanças pelo passado histórico



do ruído, principalmente na obra *Ecologia e poluição - Problemas do século XX*, de Homero Rangel e Aristides Coelho, o decreto mais original sobre silêncio foi o da Rainha Elizabeth I da Inglaterra, que reinou de 1588 a 1603, e que proibia aos maridos ingleses de baterem em suas mulheres depois das 22h, a fim de não perturbar a vizinhança com os gritos.

usar e fruir, com exclusividade, de sua unidade autônoma, segundo suas conveniências e interesses, condicionados, umas e outros, às normas de boa vizinhança, e poderá usar as partes e coisas comuns de maneira a não causar dano ou incômodo aos demais condôminos e moradores, nem obstáculo ou embaraço ao bom uso das mesmas partes por todos". Muitos condomínios sofrem com problemas de barulho, seja por causa das crianças, pela buzina dos automóveis no portão da garagem, pela realização de festas até altas horas, pelo uso de aparelhos sonoros em volumes acima do normal, pelo caminhar pesado ou arrastar de móveis do vizinho do andar superior e por aí vai.

A estudante de medicina Maria Inês dos Santos, moradora de um prédio no Leblon, diz que sofre com as brigas do vizinho. "Parece que já tem hora marcada. Toda sexta-feira eles gritam tão alto que o prédio inteiro escuta. O pior é que também batem as portas e jogam objetos no chão, aumentando o barulho inconveniente", conta.

Já João Monteiro, que mora na Barra, reclama do som alto do rádio do vizinho. "A gente não tem sossego. Ele liga o aparelho até de madrugada, na maior altura. Como sempre chama uns amigos, também sofremos com o barulho dos sapatos andando pela casa", diz.

Atento a estes problemas, João Gualberto de Azevedo, arquiteto responsável pela parte acústica em edificações no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), analisa o termo "conforto acústico": "Muitos colocam o assunto no plano do bem-estar supérfluo, esquecendo-se que, por falta de cuidados acústicos, uma parcela expressiva da população pode estar trabalhando ou repousando em circunstâncias adversas. O prejuízo

"Outro grande risco que existe para aqueles que vivem em cidades grandes é a exposição diária ao ruído do metrô, das vias públicas, de obras e de buzinas de carro"

Pedro Carvalho

ao desempenho e à saúde dessas pessoas está sendo simplesmente abstraído pelos que confundem 'conforto acústico' com 'salubridade acústica'".

No mesmo trabalho, o arquiteto faz uma severa crítica à má utilização das técnicas de construção econômicas, apontando o crescimento do número de apartamentos construídos com materiais mais leves nas vedações, paredes e lajes, para aliviar fundações e diminuir custos, como causa de um isolamento sonoro abaixo dos valores recomendados. No caso dos dormitórios, a preocupação com a acústica do projeto praticamente inexiste. "Isso predispõe o surgimento de conflitos entre vizinhos, quando há atitudes antagônicas no que diz respeito a sons e ruídos intrusos e, na maioria das vezes, quando têm atividades desencontradas, como trabalhar à noite, por exemplo", argumenta.